

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal Class.: Karajá 393

Data: 17/07/94 Pg.: _____

Índio burla a lei e vende tartarugas

ANTÔNIO JOSÉ

São Félix do Araguaia é uma cidadezinha de pouco mais de 10 mil habitantes, com belas praias de água doce durante o verão amazônico. Sua população vive basicamente da pesca, do turismo, da agricultura e da pecuária. Bem deffonte à cidade fica a ilha do Bananal, que é a maior do mundo em uma bacia fluvial. A ilha é um verdadeiro paraíso ecológico, apresentando inúmeras espécies de pássaros, mamíferos, répteis e peixes gigantescos que atraem anualmente centenas de pescadores amadores. Quando as águas baixam, eles armam suas barracas perto das praias e gostam de se exibir ao lado de suas presas, seja um belo dourado, um grande surubim ou um tucunaré, em geral apanhados com ajuda dos nativos.

A maioria da população nativa, na verdade, são os índios carajás, que já habitaram uma boa parte do sul do Pará, dando, inclusive, origem ao nome da serra que a Companhia Vale do Rio Doce explora em suas reservas de ferro, manganês, cobre, prata e ouro, além de outros minérios de menor valor. Os carajás, por longos tempos eram considerados grandes preservadores da natureza. Mas, depois de tanto fugirem à presença do homem branco, cada vez mais forte na região que habitam, decidiram "tirar proveito" dessa convivência e, agora, estão vendendo, em São Félix do Araguaia, não apenas o belo artesanato que produzem, usando talas, plumas de aves, contas e micangas, mas também centenas de tartarugas, um dos quelônios mais apreciados pelos turistas e até mesmo pela população permanente da cidade.

De acordo com a Associação Brasileira para Conservação das Tartarugas, só em 1993 os índios carajás teriam capturado cerca de 2.800 tartarugas na área do Projeto Quelônio da Amazônia (PQA), que fica no rio Araguaia, Estado de Mato Grosso. Uma equipe do Centro Nacional dos Quelônios da Amazônia (Cenaqua) esteve em São Félix e com-

provou o alto nível da atividade predatória sobre os quelônios, exercida pelos carajás, e o comércio escancarado dos animais no porto daquela cidade.

A equipe flagrou um grupo de 20 índios, tripulando seis canoas, que se preparava para a captura de tartarugas nos lagos localizados na foz do rio Cristalino e na foz do rio das Mortes, muitos quilômetros além dos limites da reserva indígena. Eles usavam o cabui como armadilha para as tartarugas.

O grupo de índios acabou confirmando aos membros da equipe do Cenaqua a intenção de comercializar os animais, sob a justificativa de que o governo

não oferece oportunidade de emprego. Com esse mesmo argumento, os caiapós, do sul do Pará, têm vendido grandes quantidades de madeira, causando enorme devastação. Ou têm permitido a presença de garimpeiros em suas áreas, o que está causando contaminação através de mercúrio lançado na natureza (veja matéria à página 3).

Bem perto do lago, a equipe do Cenaqua abordou uma embarcação, conhecida em Mato Grosso como "chalana" e, no Pará, como "Marabá", tripulada por outro grupo de índios que havia capturado 30 tartarugas da Amazônia. Os índios abatiam os animais tranqüilamente na frente

dos agentes do Cenaqua, em dúvida quanto à aplicação da legislação da fauna aos índios, que, na verdade, já apresentam um alto grau de aculturação.

Se Paulinho Paiakan, o cacique caiapó, pôde ser processado sob a acusação de estupro, qualquer carajá também pode ser responsabilizado por crime contra a natureza. A legislação em vigor é bem clara: quem for apanhado criando, capturando, transportando ou vendendo animais silvestres, está sujeito a uma multa de 100 MVR, que é a maior multa aplicada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama).

As autoridades de São Félix do Araguaia dizem que nada po-

dem fazer contra os índios porque o poder público não funciona na região. Mas os indicadores do comércio ilegal de tartaruga em São Félix do Araguaia são impressionantes: 30 delas são abatidas e vendidas diariamente à população, pelos índios. Isto significa que 900 animais são mortos todos os meses e mais de 10 mil por ano. Nesta marcha, a tartaruga amazônica logo, logo, voltará a figurar na lista das espécies em extinção. E o mais triste é que elas deveriam estar sob severa vigilância dos índios, pois são uma das suas fontes de alimento.

Mas nem tudo está perdido. O Projeto Quelônio, em Santarém, produziu em 1993 cerca de

550 mil filhotes de tartarugas, tracajás e pitiús. Manejando a criação de quelônios nos tabuleiros de Monte Cristo e Agua Preta, o PQA de Santarém bateu todos os recordes de produção de 1993.

O sucesso do empreendimento foi possível graças ao engajamento das populações ribeirinhas, obtido através de uma campanha educativa muito bem cuidada. "Esta campanha contempla a divulgação da importância da conservação dos quelônios no contexto da fauna amazônica e a didática sobre a biologia reprodutiva das diversas espécies trabalhadas.



Tartarugas: espécies ameaçadas, agora, pela venda ilegal mantida pelos índios carajás

À procura de tecnologias

A criação da tartaruga da Amazônia em cativeiro tem como principal fator limitante a baixa temperatura. Esse quelônio, por ser peclotermo (sua temperatura varia de acordo com a temperatura ambiental), necessita manter a temperatura corporal a um nível ideal para realizar as suas atividades metabólicas. A dra. Vera Lúcia Ferreira, do CQA, considera que a amplitude térmica para um quelônio aquático manter o seu metabolismo é da ordem de 22 a 32 graus centígrados. Valores abaixo ou acima desses limites propiciam condições desfavoráveis, levando-o à diminuição da resistência imunológica com o conseqüente aparecimento de doenças, muitas vezes fatais.

Esta situação tem sido observada no Núcleo Experimental de Tecnologia de Criação de Quelônios em cativeiro. Com temperaturas abaixo de 20 graus, os animais se tornam suscetíveis à ação de microorganismos oportunistas, que em situações normais seriam inócuos.

Para o controle de tempe-

ratura de água foi utilizado o seguinte procedimento: cobertura dos tanques com lona de plástico, preta, à noite e nos dias mais frios; aumento do nível de água nos tanques, transferência dos animais dos tanques de cimento para tanques de terra e aquecimento da água dos tanques através de ampolas térmicas controladas por termostatos.

As tartarugas (no caso, os filhotes delas), por possuírem respiração pulmonar, mesmo com a água aquecida não ficam imunes a problemas, sendo necessário controlar a temperatura ambiente, pois assim o animal poderá respirar o ar devidamente aquecido, seguindo o padrão encontrado no seu habitat natural.

Segundo a pesquisadora, isso demonstra que a precaução evidenciada na portaria 142/92-P em limitar a criação comercial à área de ocorrência natural foi um ato correto e assim deverá continuar até que se descubra tecnologia mais avançada.